



XV Congresso Brasileiro de História
Econômica & 16a Conferência
Internacional de História de Empresas
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
PESQUISADORES
EM HISTÓRIA
ECONÔMICA

HISTÓRIA ECONÔMICA GERAL E ECONOMIA INTERNACIONAL

Análise de Competitividade do Brasil no Mercado Internacional de Carne Bovina

Competitiveness Analysis Of Brazil In The International Beef Market

Gilson da Silva Vasconcelos; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte;
gilsonvasconcelos@alu.uern.br

Zezeneto Mendes de Oliveira; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte;
zezenetomendes@uern.br

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de apresentar o nível de competitividade de exportação do Brasil no mercado internacional de carne bovina, no período de 2014 a 2019. Desse modo, faz-se necessário indicar os principais caminhos que o desenvolvimento econômico alcançou para que o Brasil se tornasse um dos maiores exportadores de carne bovina, tendo em vista o crescimento de outros países no mesmo setor. Diante disso, foram utilizados como métodos os Índices de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) e a Taxa de Cobertura (TC), a fim de avaliar a posição do Brasil em termos de competitividade no setor investigado. Nota-se, ao final da pesquisa, que o Brasil possui uma forte influência no mercado internacional de carne bovina, que vem crescendo ao longo dos anos e que possui bons resultados se comparado com países que também são grandes exportadores do produto.

Palavras-chave: Competitividade. Carne Bovina. Mercado Internacional. Vantagens Comparativas. Taxa de Cobertura.

ABSTRACT: This work aims to present the level of export competitiveness of Brazil in the international beef market, from 2014 to 2019. Thus, it is necessary to indicate the main paths that economic development has achieved for Brazil to become one of the largest exporters of beef, in view of the growth of other countries in the same sector. In view of this, the Revealed Comparative Advantage Index (RCA) and the Coverage Rate (TC) were used as methods in order to assess Brazil's position in terms of competitiveness in the investigated sector. It is noted, at the end of the research, that Brazil has a strong influence on the international beef market, which has been growing over the years and that it has good results compared to countries that are also large exporters of the product.



Competitiveness. Beef. International market. Revealed Comparative Advantage. Coverage Rate.

Introdução

Ao longo da sua história, o Brasil tem se consolidado como um país de imensa capacidade de crescimento em termos de exportação e importação de produtos agropecuários, que se configuram, em geral, como uma das parcelas mais significativas para o seu crescimento, tendo em vista que esses produtos são de grande relevância para o mercado brasileiro. Atualmente, o complexo brasileiro de carnes coloca o Brasil como o segundo maior produtor de carnes bovinas do planeta (FGV; 2019).

As diversas mudanças no comércio internacional ao longo do tempo fizeram com que a competitividade internacional fosse algo a ser explorado de maneira mais profunda. Diante disso, a literatura referente ao assunto nos diz que vários fatores são inteiramente ligados, com ênfase para o âmbito da firma, do setor e do ambiente macroeconômico. A partir disso, os impactos sobre os distintos segmentos são diferentes. Existem estudos que nos dizem, ainda, que existe uma correlação muito importante entre o padrão de especialização já existente de países e a sua competitividade internacional (KRUGMAN; 1996; GUIMARÃES, 1997).

A exportação de produtos do tipo *agropecuários brasileiros* é diretamente manipulada por diversos fatores que podem ser considerados, como as vantagens comparativas e as competitividades, que são diretamente baseadas nas capacidades de produção de um determinado lugar frente aos seus concorrentes. O que envolve a competitividade no comércio internacional é o tamanho da produção, a oferta, o custo para essa produção, a qualidade desse produto, como também sua logística para exportação (MATA; FREITAS, 2007).

As exportações que são ligadas diretamente ao setor frigorífico são responsáveis por um superávit na balança comercial do país, o que acaba fazendo com que se transforme em um arrecadador de moeda estrangeira, mesmo que existam as barreiras comerciais que acabam dificultando esse processo de exportação de carnes para países estrangeiros.



Os métodos para analisar a competitividade possuem uma grande sinergia com os determinantes para qualquer bom resultado competitivo em cada interpretação analítica considerada. Alguns fatores nos mostram que as medidas internas relacionadas às firmas buscam explorar ao máximo o potencial competitivo dos países (HAGUENAUER, 1989; POSSAS, 1999).

É importante destacar que, no caso do protecionismo através de políticas comerciais, os seus efeitos são diretos sobre os fluxos comerciais. Deve-se notar que, como doutrina econômica, há uma tendência em proteger os produtores locais, como também as suas empresas para garantir que aconteça o bom funcionamento da economia de um país (KRUGMAN; OBSTFELD, 2001).

Diante de toda a trajetória brasileira, este trabalho busca determinar a partir das informações disponíveis, como se dá a inserção do Brasil no mercado de carne bovina no mundo frente aos principais países exportadores e por qual motivo isso acontece. Logo, será analisada a competitividade do mercado de exportação de carne bovina, avaliada as vantagens comparativas (VCR) nos anos de 2014 à 2019, como também a Taxa de Cobertura.

Revisão de Literatura do Comércio Internacional de Carne Bovina

Quando se estuda a Teoria do Comércio Internacional, geralmente se estabelece uma divisão entre as Teorias Clássicas e as Novas Teorias. As primeiras teorias servem para explicar todas as trocas comerciais intersetoriais, ou seja, entre bens diferentes, de diferentes setores (automóveis por tecido, vinhos por vestidos). Já o segundo tipo de teoria tenta explicar o comércio intrasetorial (troca de mercadorias que podem ser substituídas por mercadorias mais próximas, dentro do mesmo setor, como um país exportar determinados modelos de automóveis e importar outros tipos).

As Teorias Clássicas referem-se ao comércio internacional e não se preocupam tanto acerca do atraso tecnológico entre os países, favorecendo o princípio das vantagens comparativas baseado na dotação relativa dos fatores de produção (OHLIN; SAMUELSON, 1969). Já os estudos recentes, que abordam essas diferenças tecnológicas e as mudanças técnicas, têm sustentado a ideia de um comércio internacional influenciado pela possibilidade de obtenção de lucros extras no mercado



internacional, baseando-se pelo monopólio de certas inovações. Em consequência, as vantagens absolutas no comércio internacional obtidas por meio de atributos como inovação (DOSI, 1984), produtividade (PORTER, 1991) e eficiência produtiva ganharam importância explicativa para os padrões de trocas internacionais em detrimento das variáveis convencionais de comércio exterior: preço dos produtos e taxa de câmbio.

Do final do século XX até início do próximo século nos mostram um crescimento do nível de abertura econômica mundial, o que torna mais forte um desenvolvimento menos intervencionista e mais inserido no comércio mundial, desregulando também, em parte, os mercados agrícolas. Isso se alinha diretamente ao aumento da exigência mundial por alimentos, chegando a ser maior do que a produção, promovendo a inserção no mercado internacional de economias amparadas pela existência de um sistema agroexportador fortemente especializado, o agronegócio, atividade predominante nos países periféricos. (SERRANO; SUMMA, 2018).

O comércio de carnes, especificamente o de carne bovina, foi um dos produtos que apresentou maior relevância para a evolução destes valores, com crescimento muito acima da média geral do agronegócio para o mesmo período analisado (SILVA *et al.*, 2018).

A partir do ano de 1990, levando em consideração a competitividade brasileira no mercado internacional, o Brasil se inseriu no mercado internacional de carne bovina e aumentou a sua capacidade produtiva através de investimento em melhorias na parte de infraestrutura e criação de animais, o que ocasionou um número expressivo no crescimento do rebanho bovino. O Brasil tem vantagens como a ampla extensão do seu território e por ter fontes alimentícias específicas para a criação do gado, o que acabou facilitando sua expansão ao longo dos anos (SILVA *et al.*, 2018).

Entre as vantagens que a competitividade do Brasil tem comparando-se com os principais países concorrentes, estão: a grande extensão das terras, que permite a expansão da atividade pecuária; a genética bovina melhorada e adaptada, como também a tecnologia necessária para um maior índice de produtividade e boas condições climáticas favoráveis à produção pecuária (ZUCCHI; FILHO, 2010).



O comércio de carnes passa por um forte critério de exigência de qualidade, que acaba exercendo grande influência nos níveis de comércio e os volumes de transação não apenas para o mercado nacional, como também externamente e, como consequência, o mercado se torna cada vez mais restritivo à colocação de produtos alimentícios (VASCONCELOS; FREITAS, 2005).

O aumento da produção de carne bovina no Brasil durante os anos de 1990 e 2000 permitiu o abastecimento interno e a diminuição de importações para complementar o mercado doméstico, gerando, inclusive, excedentes exportáveis. Segundo Machado e Amin (2005), o aumento da produção do país deu-se por fatores como investimento em tecnologias genéticas, através de gerenciamento, manejo e nutrição bovina. A nova legislação prevê a fiscalização da qualidade do produto e o esforço do país para erradicar as doenças, o que contribuiu para o aumento da produção. Como, por exemplo, sabe-se que, em 2008, em torno de 59% do território brasileiro foi considerado pela Organização Internacional de Epizootias (OIE) como livre da febre aftosa. Logo, existe uma maior confiança em relação à produção de carne bovina no país com relação aos países importadores (BRASIL, 2014).

O Brasil é um dos países mais relevantes do Mercosul quando se trata de exportação de carne bovina e vem aparecendo entre os principais países exportadores de carne bovina do mundo. No entanto, foi a partir do fim da década de 1990 que o país se tornou o principal exportador de carne bovina do bloco, sendo que houve uma evolução de 492% nas exportações do país entre 1998 e 2013 (BUHSE; FILHO; LOPES; MORAES, 2014).

Teoria do Comércio Internacional

O comércio internacional ao longo do tempo teve bastante crescimento e isso consequentemente teve importância econômica, social e política. Os processos de industrialização de países e de desenvolvimento tecnológico posicionaram-se muito mais comercialmente a nível global. A grande experiência dos países industrializados é que eles acabam por determinar o contexto internacional, pois são aqueles que fornecem os avanços em ciência e tecnologia, os que de alguma forma superam os problemas de



crescimento, equidade e incorporam através do processo técnico de diversas políticas e modalidades institucionais (CEPAL, 1989).

Adam Smith menciona a importância do livre comércio para que a riqueza das nações cresça, com base no exemplo de que nenhum chefe de família tentaria produzir em casa um bem que acarretaria um custo mais alto do que comprá-lo. Se isso se aplica especificamente a um país estrangeiro "A", seria possível concluir que "A" poderia fornecer a outro país ("B") um bem mais barato do que o país "B" poderia produzi-lo.

Smith também deixa claro que existe uma relação entre o tamanho do mercado, os níveis de especialização e afirma que quanto maior o mercado, maior a especialização e maior a produtividade de trabalho. Dessa forma, Adam Smith (1776), afirma que o comércio internacional entre os dois países é rentável, uma vez que uma vantagem absoluta implica necessariamente uma especialização naquele bem em que há maior eficiência, resultando em um aumento da produção mundial de todos os bens.

Segundo David Ricardo (1817), em um modelo econômico os agentes têm uma vantagem comparativa sobre os outros na produção de um determinado bem se puderem produzir esse bem a um custo de oportunidade relativo ou preço autárquico inferior, ou seja, a um custo marginal relativo inferior antes do comércio.

Assim, essa teoria introduz os termos de troca pela primeira vez e explica que os países devem saber o que produzem mais barato, mas é igualmente importante saber quais mercadorias estão recebendo em troca e as capacidades que possuem para produzi-las. Ou seja, para Ricardo (1817), o valor das mercadorias que são entregues é o mesmo valor para os produtos que são recebidos. É importante notar que nesta teoria o valor do trabalho é o elemento principal do valor do bem que é produzido.

Embora parte do comércio mundial seja explicada por diferenças na produtividade do trabalho, as diferenças de recursos entre os países também refletem diferenças no comércio internacional. De acordo com a teoria da dotação de fatores, o comércio internacional é explicado por diferença nos recursos dos países. O modelo de Heckscher-Ohlin (1977) mostra que a vantagem comparativa é determinada pela interação entre os recursos de um país, a abundância relativa de fatores de produção e a



tecnologia. A fonte das vantagens comparativas é a interação entre a abundância e a intensidade com que esses recursos são explorados. Enfatiza-se, portanto, a interrelação entre a proporção em que os fatores de produção estão disponíveis em diferentes países e a proporção em que são usados na produção de diferentes bens.

O modelo de David Ricardo (1882) e o de Heckscher-Ohlin (1977) se aplicam a mercados perfeitamente competitivos, em que são analisadas apenas as vantagens comparativas de cada país, supondo que cada país irá produzir os bens ou serviços sobre os quais possuem uma vantagem comparativa e, havendo uma troca, esses países aproveitam esses recursos de forma individual de acordo com a vantagem comparativa de cada um.

Como reflete a teoria tradicional, os países também realizam trocas de bens e serviços para as mesmas indústrias, o que é chamado de comércio “intra-indústria”. Para Krugman, na prática, quase metade do comércio mundial consiste no comércio entre países industrializados que são relativamente semelhantes em suas dotações relativas de fatores. Na prática, porém, quase metade do comércio mundial consiste no comércio entre os países industrializados, que são relativamente semelhantes em sua dotação relativa de fator (KRUGMAN; HELPMAN, 1989).

Krugman (1989) analisa e sugere algumas deficiências com relação ao modelo Ricardiano. Elas podem ser descritas de maneira que, quando há economias de escala, as grandes empresas têm vantagens sobre as pequenas, o que significa que os mercados tendem a ser dominados por monopólios ou oligopólios, que têm influência direta sobre os preços dos produtos e os mercados tornam-se, então, imperfeitamente competitivos. Além disso, acrescentou em sua teoria o conceito de “economias de escala ou retornos crescentes de escala”. Logo, onde há um retorno crescente, aumentando os insumos ou recursos de uma indústria, a produção será maior, reduzindo, assim, custo por unidade produzida.

O percurso que levou o Brasil a ser inserido na participação da economia internacional deve-se por alguns fatores importantes como a sua abertura comercial, pela competitividade da indústria nacional e pelo bom gerenciamento do comércio exterior. Sabe-se que a ideia de expansão do mercado internacional teve início no



começo da década de 1990, sendo Collor o presidente durante o período com suas reformas e aplicação de seus planos, que tiveram o objetivo de controlar a inflação e reestruturar a economia.

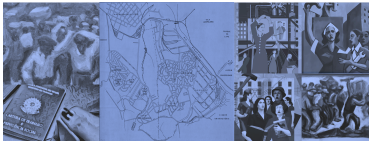
O protecionismo e o livre comércio têm sido considerados uma questão problemática para o crescimento econômico, devido aos desafios que representam para a administração pública e essa é a razão pela qual as políticas comerciais têm sido estudadas há décadas (MASCARENHAS *et al.*, 2011).

Com o crescimento dos países emergentes no comércio internacional, os países desenvolvidos buscam proteger os setores econômicos que, para eles, são considerados especiais por serem sensíveis e estratégicos. Diante disso, quaisquer impedimentos que se coloquem à realização de uma transação internacional de comércio, de maneira que seja cobrada alguma tributação tornando mais difícil as negociações internacionais, são chamados de barreiras tarifárias, algo totalmente comum à legislação aduaneira de qualquer país (FARO; FARO, 2005).

As barreiras não tarifárias são a medida mais comum de protecionismo comercial, sendo qualquer medida que não seja uma tarifa que pode afetar o comércio de bens e/ou exportados. Dentro dessa categoria destacam-se medidas sanitárias e fitossanitárias injustificadas, em que os obstáculos referentes ao comércio que requerem alteração das características técnicas das importações criam uma restrição disfarçada ao comércio ou discriminação injustificável em produtos importados (BOZA; FERNANDEZ, 2014). Já as barreiras tarifárias são aquelas que restringem ou distorcem o comércio por meio de impostos ou quotas tarifárias, aplicáveis na importação ou na exportação de mercadorias (CNI, 2017).

No entanto, não se trata de algo novo, pois o protecionismo é uma prática antiga, como também o comércio entre países. Os diferenciais em comparação com o tempo são: a natureza das restrições, a distância e a profundidade das medidas, assim como os produtos ou setores atingidos (GARRIDO, 2004).

Comércio Internacional de Carne Bovina no Brasil e no Mundo



O Brasil é um dos principais países no mercado mundial, pois é um dos países que possuem uma grande quantidade de exportação de carne bovina. Em 2018, as exportações brasileiras de carne bovina foram de 1,64 milhão de toneladas exportadas, apresentando um aumento de 11% relativo a 2017. Hong Kong e China são os principais destinos da carne bovina brasileira, representando 24% e 22,63%, respectivamente, do total embarcado pelo Brasil, em 2018, segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC, 2018). Além disso, o recorde no ano de 2019 consolida a posição do país como principal exportador mundial do produto, porque se trata do maior volume já exportado entre todos os países exportadores.

Nesse sentido, o Brasil está mais inserido no mercado mundial a partir da década de 1990, com a abertura da economia, a adoção do Plano Real pós 1994 e a reestruturação produtiva (MOURA; BARBOSA, 2014).

Como discutem Araújo e De Negri (2013), a indústria brasileira emergiu do processo de substituição de importações com um parque industrial abrangente e diversificado, beneficiando-se de diversos mecanismos de proteção tarifária, subsídios, benefícios fiscais e acesso privilegiado a insumos produzidos pelas estatais.

Para Almeida e Michels (2012), ao longo de todo o século XX, sucessivos problemas sanitários relacionados aos produtos alimentares despertaram nos consumidores do centro da economia-mundo uma progressiva consciência acerca das consequências que alguns perigos específicos vinculados à alimentação poderiam ter sobre a saúde animal e humana. A globalização, aliada aos surtos que afetam uma determinada região do globo e que podem de forma rápida se estender para todas as demais, faz com que isso transforme e faça-se entender a importância da segurança alimentar. Os objetivos da produção agroalimentar são dirigidos para os processos que consigam garantir altos padrões de proteção e de estímulo à saúde humana.

Esse foco teve um aumento desde o início dos anos 1990, devido aos graves surtos sanitários que ocorreram por toda a Europa. E, recentemente, essa condição foi reforçada devido aos focos de febre aftosa, no Reino Unido, em 2001, e por outras ocorrências, como a peste suína, a aviária em 2003, que se estendeu nos Estados Unidos e no norte europeu, originada nos países asiáticos provocando crises oriundas do setor



alimentício. Essas crises sanitárias fazem com que, negativamente, os fluxos de comércio e o bom funcionamento do mercado mundial de alimentos sejam diretamente afetados.

Diante desse cenário, as exportações de carne bovina *in natura* e industrializada estão em seu ritmo de crescimento devido às importações feitas por novos mercados como a Turquia e Filipinas e com um retorno ao tradicional comércio com a Rússia, Arábia Saudita e Emirados Árabes. O surgimento de novos mercados como Turquia e Filipinas ocorreu devido ao aumento do preço da carne da Bulgária (que era o seu principal país importador) e ao aumento da inflação; já em relação às Filipinas, ocorreu devido ao país ter substituído seu comércio com o Egito por conta dos aumentos dos preços (ABRAFRIGO, 2021). Logo, o mercado de exportação brasileira de carne bovina contribuiu para expandir a parcela do mercado do país no âmbito internacional, mesmo em um período em que as exportações mundiais estavam com taxas modestas de crescimento.

Metodologia

Inicialmente, a metodologia consistirá em analisar a competitividade do Brasil em relação ao resto do mundo, durante o período de 2014 a 2019, assim como seus indicadores de competitividade das exportações de carne bovina, além da literatura empírica e dos indicadores no Brasil e no Mundo. A metodologia consistirá no estudo das variáveis necessárias e, também, no levantamento, na organização, na análise estatística e na interpretação de dados secundários disponibilizados da *United States Department of Agriculture*, *Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne*, *UNcomtrade*, *Anuário da Pecuária Brasileira*, *Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne*, além de livros e revistas científicas para revisão das pesquisas que abordam o assunto. Os dados que foram coletados referem-se às carnes bovinas *in natura* e industrializada, que possuem a maior quantidade de exportações no mundo.

Foi abordado nessa pesquisa o cálculo dos indicadores de competitividade no comércio internacional, são eles: o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e a Taxa de Cobertura (TC). Como mencionado anteriormente, essa pesquisa é baseada no



estudo das carnes bovinas *in natura* e industrializada. Portanto, a partir da nomenclatura do *Sistema Harmonizado (HS)*, tem-se: Carne bovina *in natura* (0202) e carne bovina industrializada (0201) para o *Uncomtrade*.

Índice de Vantagem Comparativa Revelada

Indicadores de vantagem comparativa são ferramentas que permitem tomar decisões sobre o comércio internacional de um país. Essas ferramentas também são úteis para identificar as vantagens e desvantagens frente ao resto do mundo. Existem vários indicadores de vantagem, como índices comparativos e outros gerais que auxiliam na identificação de tais vantagens para otimizar a produção e o consumo. O objetivo disso é alcançar um comércio internacional mais eficiente no uso de recursos escassos.

Em um cenário em que há comércio, mercados competitivos e uso eficiente de recursos escassos, os países irão exportar os bens sobre os quais eles têm vantagem comparativa e aqueles em que há uma desvantagem irão importar. Portanto, determinar se aquele país tem ou não vantagem comparativa é essencial para orientar a produção e o consumo. Logo, é necessário começar a definir formas de medir a vantagem comparativa. A seguir serão apresentados índices que medem o dinamismo comercial de um país e que, também, nos permitem identificar essas vantagens comparativas.

Em um comércio internacional em que a maioria dos agentes é racional, é correto afirmar que suas decisões são sempre baseadas na relação custo-benefício, de modo que o fluxo de comércio de bens pode revelar a vantagem comparativa entre os países, na medida em que a troca real de mercadorias reflete nos custos relativos e também nas diferenças que existem entre os países.

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR), proposto inicialmente por Balassa (1965), questionou se era possível inferir as vantagens comparativas do padrão de comércio no mundo real que indicasse essas vantagens. As comparações podem ser reveladas pelo fluxo atual de comércio de bens. Vollrath (1991) e Hillman (1980) também apresentam argumentos que dão validade teórica. Eles apontam que este indicador que mostra a vantagem comparativa entre os países de uma indústria em



particular é consistente com a teoria econômica neoclássica, que é particularmente importante, porque permite medir a vantagem comparativa de forma direta. Portanto, o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) é o mais utilizado no cálculo de vantagens comparativas, para seus atributos teóricos. A vantagem de sua aplicação é que ele usa informações do comércio internacional para determinar o grau de competitividade de um produto de um determinado país. Balassa (1965) utiliza o Índice de Vantagem Comparativa Revelada para indicar que os benefícios comparativos entre as nações podem ser revelados pelo fluxo de comércio, uma vez que a troca real de mercadorias reflete nos custos relativos e também nas diferenças que existem entre os países, não necessariamente devido a fatores de mercado. A construção do índice proposto por Balassa é dada através da equação 1:

$$VCR_i = \frac{X_i - M_i}{X_i + M_i} \times 100$$

(1)

Onde **X_i** representa o valor das exportações do bem **i**, **M_i** representa o valor das importações do bem **i** e **i** é o grupo de mercadoria. A interpretação do resultado deste índice está no intervalo de [-100; +100]. Assim, quanto mais próximo de +100 for o valor do VCR, maior é a vantagem comparativa revelada do estado para aquele produto ou setor industrial e isto significa que não há importações. Se o valor do VCR for mais próximo de -100, entende-se que não há vantagens comparativas para aquele produto ou setor industrial e que não existem exportações.

Já segundo Balassa (1979), sabe-se que o estudo da evolução da vantagem comparativa revelada pode nos permitir identificar a especialização atribuída pela economia do comércio mundial ou de um mercado específico. Os produtos que apresentam VCR possuem uma grande força na economia. Este foi desenvolvido sobre o conceito de *Market Share*, que mede a vantagem comparativa local em comparação com o maior grupo econômico, que pode ser verificado através da equação 2.



$$IVCR = \frac{X_{ij} / X_j}{X_i / X} \quad (2)$$

Onde X_{ij} representa as exportações do grupo setorial ou produto i pelo país j , X_j nos dá as exportações totais realizadas pelo país j , X_i são as exportações do grupo setorial ou produto i no país e X são as exportações totais.

Para o estudo dos dados, analisou-se da seguinte forma:

- a) se o $VCR_{ij} > 1$, o produto apresenta vantagem comparativa revelada;
- b) se o $VCR_{ij} < 1$, o produto apresenta desvantagem comparativa revelada e
- c) se $VCR_{ij} = 1$, o produto não apresenta vantagem nem desvantagem comparativa revelada.

Segundo Farias (2000), a razão pela qual Balassa usa apenas as exportações nesse índice está relacionada às políticas protecionistas que afetam as importações visando os dados.

Taxa de Cobertura

A Taxa de Cobertura é uma relação estabelecida entre o valor das exportações e o valor das importações. De acordo com Bittencourt (2012), quando o resultado é maior que 1, as exportações são maiores que as importações, ou seja, o produto contribui para o superávit da balança comercial. Quando o resultado for menor que 1, as importações são maiores do que as exportações, ou seja, o produto contribui para o déficit da balança comercial. Logo, tem-se a porcentagem de importações que podem ser pagas com exportações. Algebricamente, a relação é expressa como:

$$|TC_j = \frac{X_j^t}{M_j^t}$$

Onde:



a) TC_{ij}^t = é a taxa de cobertura de carne bovina no t; b) X_j^t = são as exportações de carne bovina do Brasil no tempo t e c) M_j^t = são as importações de carne bovina do Brasil no tempo t.

Segundo Hidalgo (1993), os produtos que apresentarem, simultaneamente, VCR e TC superior à unidade, possuem “pontos fortes” do setor. Por outro lado, os produtos que mostrarem desvantagem comparativa revelada e taxas de coberturas menores do que a unidade será considerada “pontos fracos”.

A comparação de “pontos fortes” de um país com os “pontos fracos” dos parceiros comerciais permite identificar aqueles produtos com maior potencial em termos de comércio. Os “pontos fortes” no comércio exterior constituem aqueles produtos a partir dos quais a economia tem sólidas oportunidades de inserção e expansão comercial (HIDALGO; VERGOLINO, 1998).

Apresentação e Discussão dos Dados

Nesta seção será analisado o comportamento do mercado nacional e internacional de carne bovina.

O Mercado Internacional de Carne Bovina

O Brasil, hoje em dia, é um dos mais importantes produtores de carne bovina do mundo, o que pode ser explicado pelo resultado de décadas de investimento em tecnologia que elevou tanto a produtividade, como a qualidade da carne brasileira, fazendo com que se tornasse um mercado competitivo e atingisse um mercado de mais de 150 países. Em 40 anos, a pecuária bovina teve uma modernização revolucionária que foi sustentada graças a avanços tecnológicos na produção e na organização da cadeia, com reflexo diretamente na qualidade da carne (EMBRAPA, 2015).

A Tabela 1 mostra a evolução da produção de carne bovina para alguns países no período de 2014 a 2019. A produção mundial de carne bovina foi cerca 61,6 milhões de toneladas no ano de 2019, sendo a maior desde os últimos seis anos. Em comparação



com o ano de 2014, foram produzidas 57,6 milhões de toneladas e a produção global de carne bovina no ano de 2019 obteve um aumento de 6%.

Tabela 1 Produção Mundial de Carne Bovina em Toneladas Métricas (1000) -2014-2019

País	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Argentina	2.700	2.720	2.650	2.840	3.050	3.125
Austrália	2.595	2.547	2.125	2.149	2.306	2.432
Brasil	9.723	9.425	9.284	9.550	9.900	10.200
China	6.157	6.169	6.169	6.346	6.440	6.670
União Europeia	7.443	7.684	7.880	7.869	8.003	7.878
México	1.827	1.850	1.879	1.925	1.980	2.030
Outros países	14.751	14.953	15.179	15.259	15.336	15.432
Rússia	1.362	1.364	1.339	1.325	1.357	1.374
Estados Unidos	11.075	10.817	11.507	11.943	12.256	12.384
Total	57.634	57.467	57.965	59.182	60.671	61.642

Fonte: Elaboração própria com base nos dados USAD-FAS-PSD (2014-2019).

No período de 2014 a 2019, os Estados Unidos se mostraram como o maior produtor mundial de carne bovina, com uma produção de 12,38 milhões de toneladas em 2019. Os EUA tiveram uma participação de 19,22% em 2014 e de 20,13% em 2019, apresentando um crescimento de 11,8% no período analisado. Segundo Olívio (2008), esse destaque dos EUA está diretamente ligado à sua tecnologia avançada de produção, o que permite uma maior produção e um maior aproveitamento de unidades. Podemos destacar, também, como grandes produtores o Brasil, a China, a Argentina e a Austrália. Podemos mencionar também a União Europeia, que teve uma baixa na produção de carne bovina em 2017 devido a problemas sanitários com o surto da doença da “vaca louca”. Os maiores produtores de carne bovina juntos (Estados Unidos, Brasil, China, Argentina e Austrália) obtiveram 55,96% da produção global em 2014. Em 2019, a produção desses países aumentou para 56,58%.

Já no Brasil, a produção de carne bovina teve um aumento de 4,67% no período de 2014 a 2019. Esse aumento na produção está diretamente ligado à menor oferta de gado no mercado interno, como também ao crescimento da produção de carne bovina brasileira que está em conjunto com fatores tecnológicos e nutricionais. (COZER *et al.*, 2020).



A Tabela 2 nos mostra a taxa de participação total de produção de carne bovina dos anos de 2014 a 2019 com base no valor total exportado mundialmente. Observa-se que a Argentina, a partir do ano de 2016, vem tendo um aumento de participação comercial de carne bovina e, mesmo com a redução do consumo interno, as exportações foram maiores em todos os anos seguintes (CICCRA, 2019).

Tabela 2 Taxa de participação na produção de carne bovina dos países em % no período de 2014 a 2019.

Países	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Argentina	4,68	4,73	4,57	4,80	5,03	5,08
Austrália	4,50	4,43	3,66	3,63	3,80	3,95
Brasil	16,87	16,38	16,00	16,13	16,33	16,58
China	10,68	10,72	10,63	10,72	10,62	10,84
União Europeia	12,91	13,36	13,58	13,29	13,20	12,80
México	3,17	3,22	3,24	3,25	3,27	3,30
Outros países	25,59	25,99	26,17	25,77	25,30	25,08
Rússia	2,36	2,37	2,31	2,24	2,24	2,23
Estados Unidos	19,22	18,80	19,84	20,17	20,22	20,13
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaboração própria com base nos dados USAD-FAS-PSD (2014-2019).

O rebanho do Brasil mantém certa estabilidade referente à produção desde o ano de 2014, em que apenas no ano de 2016, que possui o maior rebanho por cabeças, chega a 218 milhões de cabeças. Alguns fatores que garantem essa estabilidade é que tanto o melhoramento genético, quanto as técnicas de confinamento melhoraram a qualidade da produção, causando assim o aumento da produtividade do setor. Posteriormente, a preocupação com o meio ambiente pode ser cada vez mais destacada no cenário mundial, fazendo com que a produção pecuária se adapte para continuar produzindo.

A partir dos levantamentos da produção, o custo nas fazendas brasileiras de criação de gado está em torno de 200 dólares por 100 quilos de peso vivo, valor que é relativamente baixo comparado a países europeus (Alemanha, Espanha, França, Irlanda), nos Estados Unidos e México. O custo de produção baixo do Brasil pode ser atribuído, também, a um custo menor nos fatores de produção: terra, pastagem e mão de obra (DEBLITZ, 2012).



Tabela 3 Efetivo de Rebanho Bovino no Brasil por cabeças

Ano	Rebanho Bovino	Taxa de Crescimento
2014	212.366.132	-
2015	215.220.508	1,34
2016	218.190.768	1,38
2017	215.003.578	-1,46
2018	213.809.445	-0,56
2019	214.893.800	0,51

Fonte: IBGE – Pesquisa da Pecuária Municipal (2014 – 2019).

Verifica-se, na Tabela 3, que durante os anos de 2017 e 2018 houve uma queda no efetivo de rebanho brasileiro, que ocorreu devido ao aumento de abate de fêmeas. Já o aumento da taxa de crescimento de 2019 em comparação com os dois anos anteriores está ligado justamente a uma maior retenção de fêmeas e por conta dos bons preços do mercado (IBGE, 2019).

Tabela 4 Exportação mundial de carne bovina em toneladas métricas (1000) - 2014 -2019

País	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Argentina	192	180	209	283	501	763
Austrália	1.762	1.770	1.412	1.416	1.582	1.738
Brasil	1.850	1.659	1.652	1.803	2.021	2.314
Canada	360	379	418	444	478	525
União Europeia	262	257	299	314	295	330
Nova Zelândia	552	609	560	564	602	623
Uruguai	331	352	396	409	437	436
Estados Unidos	1.167	1.028	1.160	1.297	1.433	1.373
Outros países	3.099	2.889	2.887	2.993	2.757	2.797
Total	9.575	9.123	7.833	9.523	10.106	10.899

Fonte: Elaboração própria com base nos dados USAD-FAS-PSD (2014-2019).

Percebe-se, na Tabela 4, que as exportações mundiais de carne bovina foram de 9,57 milhões de toneladas no ano de 2014 para 10,89 milhões em 2019. No primeiro ano de análise, além do Brasil como destaque principal de exportadores de carne bovina, destacam-se a Austrália, Estados Unidos, Nova Zelândia e o Uruguai. É,



também, importante observar o crescimento das exportações da Argentina a partir do ano de 2017 que, para o ano de 2018, houve um aumento na exportação de 77,03%, que se deve ao aumento no número do rebanho bovino durante esse período. Em relação à exportação de carne bovina no Brasil, observa-se que nos anos de 2015 e 2016 foram exportados apenas 1,6 milhões de toneladas, o que, em comparação ao ano de 2014 e 2017, nos mostra uma queda de 9% da exportação. Essa queda é justificada pela diminuição temporária do consumo dessa *commodity* no mercado interno.

Tabela 5 Taxa de participação na exportação de carne bovina dos países em % no período de 2014 a 2019

Países	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Argentina	2,01	1,97	2,32	2,97	4,96	7,00
Austrália	18,40	19,40	15,70	14,87	15,65	15,95
Brasil	19,32	18,18	18,37	18,93	20,00	21,23
Canadá	3,76	4,15	4,65	4,66	4,73	4,82
União Europeia	2,74	2,82	3,32	3,30	2,92	3,03
Nova Zelândia	5,77	6,68	6,23	5,92	5,96	5,72
Uruguai	3,46	3,86	4,40	4,29	4,32	4,00
Estados Unidos	12,19	11,27	12,90	13,62	14,18	12,60
Outros países	32,37	31,67	32,10	31,43	27,28	25,66
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da CONTRADE (2021).

De acordo com os levantamentos realizados por Deblitz (2012), o Brasil apresenta um baixo custo de produção, tanto na fase de criação de bezerros, quanto de engorda do gado.

A Austrália, o Brasil e os Estados Unidos juntos responderam por cerca de 49,91% das exportações mundiais de carne bovina em 2014. Em 2019, as exportações representaram 49,78%, equivalente a 5,7 milhões de toneladas exportadas, em que o Brasil a partir desse total de exportações representa 2,3 milhões de toneladas, contribuindo, assim, com cerca de 51% exportado em comparação com esses três países e 21,23% do total exportado.

É importante destacar que o crescimento das exportações de carne *in natura* fez com que o Brasil se consolidasse como o maior exportador de carne bovina do mundo.

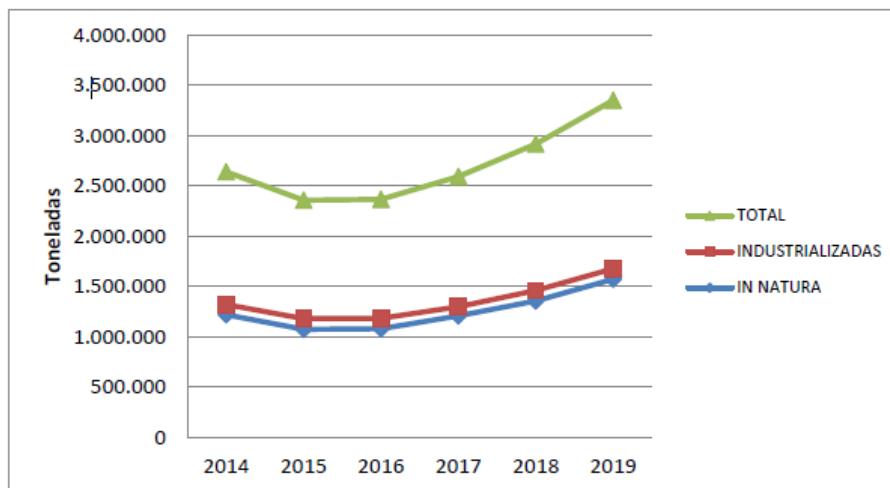


Esse crescimento se dá pelo aumento do rebanho brasileiro e, também, pelo grande volume exportado para países que já faziam parte do mercado comercial brasileiro.

No ano de 2019, a exportação de carne bovina brasileira gerou uma receita em torno de US\$7,59 bilhões de dólares, conforme dados fornecidos pela Abiec (2019), tendo uma alta de 15,5% se comparado com o ano de 2018.

No gráfico 1, é possível observar como se comportam as exportações de carne bovina *in natura* e de carne bovina industrializada, no período de 2014 a 2019. Observa-se que as exportações da carne *in natura* e da carne industrializada, no período de 2015 e 2016, sofrem uma queda tanto se comparadas ao ano anterior, como nos anos posteriores que estão sendo analisados, tendo uma queda de 10% se comparadas com o ano de 2014. Essa queda deve-se à menor importação por parte da Rússia e da Venezuela, que foram países drasticamente afetados pelas variações cambiais e pela desvalorização do petróleo, como também pelas medidas sanitárias impostas pelo país, no caso da Rússia.

Figura 1 Exportações Brasileiras de Carne Bovina *in natura* e industrializada em toneladas durante os anos de 2014 a 2019.



Fonte: Anuário da Pecuária Brasileira (2014 -2019)

Competitividade das Exportações de Carne Bovina do Brasil



Diante da evolução do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras de carne bovina de 2014 a 2019 (Tabela 6), pode-se verificar que, durante todo o período de estudo, o IVCR foi maior que a unidade, ou seja, o Brasil possui vantagem comparativa em relação ao mercado internacional de carne bovina. No entanto, o crescimento oscila com índices maiores em alguns anos e menores em outros, pois apresenta períodos de aumentos e períodos de diminuição das vantagens comparativas.

Tabela 6 Índice de Vantagem Comparativa de carne bovina total do Brasil em relação ao Mundo.

Anos	VC
2014	10.04
2015	9.12
2016	8.99
2017	10.0
2018	9.00
2019	10.23

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ABIEC (2021).

Percebe-se que o Índice de Vantagens Comparativas de carne bovina apresentou valores altos nos anos de 2014 e 2019, 10.4 e 10.23, respectivamente. Durante todo o período analisado, esse crescimento ocorreu devido a um bom desempenho no que se refere à manutenção do status sanitário do país, trabalho conjunto do governo e das empresas para a reversão de embargos e da disponibilidade de oferta (ABIEC, 2015).

Na tabela 7, pode-se verificar o Índice de Vantagem Comparativa Revelada apenas da carne bovina *in natura*, onde todos os anos possuem valores maiores que 1, o que determina que há vantagem comparativa na exportação de carne bovina. O ano de 2016 apresenta o menor valor se comparado aos demais anos estudados, o que equivale a uma queda de 1% referente ao ano anterior em toneladas exportadas, a partir de dados disponibilizados pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC, 2017).

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas de carne bovina apresentou valores de crescimento de 2014 a 2017. O melhor resultado do IVCR verificado foi o do ano de 2019, que alcançou seu maior valor em comparação com os anos estudados. Esse



aumento é um reflexo da expansão das exportações, do aumento dos fornecedores chineses, como também de uma crise do rebanho bovino devido aos surtos de peste suína africana (PSA) que dizimou boa parte dos rebanhos do país nos últimos dois anos.

Tabela 7 Índice de Vantagem Comparativa Revelada de carne bovina *in natura* do Brasil em relação ao mundo de 2014 – 2019.

Anos	IVCR
2014	1.67
2015	1.65
2016	1.57
2017	1.64
2018	1.65
2019	1.85

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ABIEC (2021).

O IVCR informa se o país apresenta vantagem comparativa nas exportações no período analisado. Verificou-se que a carne bovina *in natura* apresenta competitividade, o que nos indica que o Brasil está cada vez mais se especializando nas exportações de carne bovina, comparando-se com as exportações mundiais do mesmo produto.

Taxa de Cobertura

A Taxa de Cobertura (TC) é um indicador importante, pois proporciona ter uma noção exata do grau de independência comercial de um país com relação ao mercado externo. Será apresentada a Taxa de Cobertura baseada no valor total de carne bovina: a Taxa de Cobertura da Carne Bovina *in natura* e a da carne bovina industrializada.

Levando em consideração o valor obtido da Carne Bovina Total, carne bovina *in natura* e carne bovina industrializada, pode-se verificar que a Taxa de Cobertura (TC) é maior que a unidade em todos os anos estudados, confirmando que o Brasil é predominantemente exportador (Tabela 8).

Considerando a análise juntamente com os valores referentes dos indicadores de Vantagem Comparativa Relativa (VCR) e TC (Taxa de Cobertura), tem-se que a carne bovina representa um ponto forte na pauta relacionada às exportações brasileiras ($VCR > 1$ e $TC > 1$) em todos os anos estudados. O Brasil encontra-se entre os maiores



exportadores, todavia, não está entre os maiores importadores do produto, o que lhe proporciona resultados positivos, acima da unidade para este índice.

Tabela 8 Taxa de Cobertura de Exportações de Carne Bovina por segmento nos anos de 2014 - 2019

Anos	Carne Bovina Total	Carne Bovina <i>in</i> <i>natura</i>	Carne Bovina Industrializada
2014	14.90	3.45	33.74
2015	18.19	4.50	38.60
2016	17.80	4.74	42.52
2017	19.31	4.55	39.06
2018	24.04	7.70	41.31
2019	25.99	8.31	55.07

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ABIEC (2021).

As exportações totais de carne bovina, *in natura* e industrializadas apresentam uma tendência de crescimento na maior parte do período analisado. O que nos explica essas variações nas taxas de cobertura são as variações das importações de carne bovina que oscilaram durante esses períodos. Isso nos diz que as importações de carne bovina aumentaram mais que proporcionalmente em relação às exportações de carne bovina.

Considerações Finais

Diante de todo o crescimento econômico que o Brasil obteve, pós século XX, passando de um país inicialmente importador para um dos principais países exportadores de carne bovina e um dos mais competitivos do mercado internacional, sendo possível observar que o Brasil consegue ter uma posição competitiva se comparado com os seus principais concorrentes.

Como apontado na primeira seção desta pesquisa, o crescimento na participação no mercado internacional se deu por diversos fatores que podem ser facilmente descritos como: melhoria na parte de infraestrutura na indústria frigorífica nacional; pela sua abertura comercial; por um bom gerenciamento do comércio exterior e pelo aumento da capacidade produtiva.

Em relação às variáveis econômicas apresentadas no trabalho, verifica-se que o IVCR apresentou valores maiores que 1 para todos os anos estudados, indicando que a cadeia de carne bovina tem efetividade e produtividade comercial quando associada aos



outros países exportadores. Logo, estes resultados mostram o aumento da capacidade comercial no setor de carne bovina, o que é motivado pelo empenho que vem sendo realizado para se tornar mais competitivo no cenário internacional. Apesar das vantagens, existem algumas dificuldades, a saber: as barreiras tarifárias, não tarifárias e fitossanitárias. O cuidado com esses obstáculos contribui de forma positiva para o aumento da competitividade. Contudo, parte das variações pode ser explicada pelas barreiras sanitárias, como as ocorrências de febre aftosa, em que o Brasil sofreu restrições sanitárias para exportação.

Através da Taxa de Cobertura juntamente avaliada com as informações das Vantagens Comparativas Reveladas, definiu-se que a carne bovina *in natura* e a industrializada representam pontos fortes em todos os anos considerados, o que confirma que o Brasil está entre um dos maiores exportadores de carne bovina do mundo. E segundo a Abrafrigo (2021), o Brasil já teve um aumento de 8% em relação ao ano de 2020, o que impulsiona ainda mais o crescimento de exportação da carne bovina brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, André K. de.; MICHELS, Ido L. O Brasil e a economia-mundo: o caso da carne bovina. *Ensaio FEE*, v. 33, n. 1, 2012.

ALMEIDA, André K. de; MICHELS, Ido L. O Brasil e a economia-mundo: o caso da carne bovina. *Ensaio FEE*, v. 33, n. 1, 2012.

APARICIO, Gema et al. The world periphery in global agricultural and food trade, 1900–2000. In: *Agricultural development in the world periphery: a global economic history approach*. Cham: Springer International Publishing, 2018. p. 63-88.

ARAÚJO, Bruno C. P. O. de; DE NEGRI, Fernanda. Impacts of the Brazilian science and technology sectoral funds on the industrial firms' R&D inputs and outputs. 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS EXPORTADORAS (ABIEC). Disponível em: <http://www.abiec.com.br/download/exportacoes%20fecham%20com%20recorde>. Acesso em: 16 abr. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FRIGORÍFICOS (ABRAFRIGO). Banco de Dados, 2021. Disponível em: <https://www.beefpoint.com.br/abrafrigo-busca-abrir-mercado-da-turquia-para-carne-brasileira/>. Acesso em: 20 abr. 2022.



BALASSA, B. Trade liberalization and “Revealed” comparative advantage. Oxford: Manchester School of Economic and Social Studies, 1965. P.99-123.

BOZA, Sofía; FERNÁNDEZ, Felipe. Chile frente a la regulación sobre medidas no arancelarias de la Organización Mundial del Comercio. Estudios internacionales (Santiago), v. 46, n. 178, p. 65-82, 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Banco de Dados, 2014. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BUHSE, Ana Paula et al. Competitividade das exportações da carne bovina dos países do Mercosul: uma análise a partir do Constant-Market-Share. Perspectiva Econômica, v. 10, n. 2, 2014.

CÁMARA DE LA INDUSTRIA Y COMERCIO DE CARNES Y DERIVADOS DE LA REPUBLICA ARGENTINA (CICCRA). Informe Económico Mensual. Documento N° 227- Diciembre 2019, 33 pp.

CENTRO DE ESTUDOS DO AGRONEGÓCIO (FGV Agro). Banco de Dados, 2019. O setor de carnes no Brasil e suas interações com o comércio internacional. Disponível em: <https://gvagro.fgv.br/sites/gvagro.fgv.br>. Acesso em: 19 mar. 2022.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). Manual sobre barreiras comerciais e aos investimentos / Confederação Nacional da Indústria. – Brasília : CNI, 2017.

COZER, Luiz Fernando et al. Energia e proteína na reprodução de fêmeas bovinas. Pubvet, v. 14, p. 141, 2020.

DEBLITZ, Claus; ZEN, Sérgio De. Beef and sheep report 2012: understanding agriculture worldwide. 2012..

DOSI, Giovanni. Technical change and industrial transformation: the theory and an application to the semiconductor industry. Springer, 1984.

ECONOMIC COMMISSION FOR LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN (CEPAL). Estudio Económico de América Latina y el Caribe, 1989. Disponível em: <https://www.cepal.org/es/publicaciones>. Acesso em: 18 abr. 2022.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). BANCO DE DADOS 2015. Disponível em: <https://www.embrapa.br/qualidade-da-carne/carne-bovina>. Acesso em: 14 abr. 2022.

FARO, Ricardo; FARO, Fatima. Curso de comércio exterior: visão e experiência brasileira. São Paulo: Atlas, 2010.



GARRIDO, Alexandre E. As barreiras técnicas ao comércio internacional. Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial, Rio de Janeiro. Access in March, v. 31, p. 2005, 2004.

GUIMARÃES, Edson P. Competitividade internacional: conceitos e medidas. Estudos em Comércio Exterior, v. 1, n. 3, p. 1-25, 1997.

HAGUENAUER, Lia. Competitividade: conceitos e medidas. Uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro. Rio de Janeiro: IEI/UFRJ, 1989.

HELPMAN, Elhanan; KRUGMAN, Paul. Trade policy and market structure. MIT press, 1989.

HIDALGO, Álvaro B. O intercâmbio comercial brasileiro intra-indústria: uma análise entre indústrias e entre países. Revista brasileira de economia, v. 47, n. 2, p. 243-264, 1993.

HIDALGO, Álvaro B.; VERGOLINO, José R. Um teste dos impactos por meio do modelo gravitacional. Economia Aplicada, v. 2, n. 4, 1998.

HIDALGO, Álvaro. B. Especialização e competitividade do nordeste no mercado internacional. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 29, n. especial, p. 491-515, jul., 1998.

HILLMAN, Arye L. Observations on the relation between "revealed comparative advantage" and comparative advantage as indicated by pre-trade relative prices. Weltwirtschaftliches Archiv, n. H. 2, p. 315-321, 1980.

KRUGMAN, Paul. Making sense of the competitiveness debate. Oxford Review Economic Policy, v. 12, n. 3, 1996.

KRUGMAN, Paul.; OBSTFELD, Maurice. Economia Internacional – Teoria e Política. São Paulo: Makron Books, 2001.

MASCARENHAS, André *et al.* relevance and challenges in administration: tensions between research and professional education. Revista de Administração de Empresas, v. 51, n. 3, p. 265-279, 2011.

MATA, Daniel; FREITAS, Rogério E. Exportações agropecuárias e características dos países importadores. As empresas brasileiras e o comércio internacional. Brasília, 2007.

MOURA, Tician Grecco Z.; BARBOSA, Lorenna Alves L. A evolução do comércio exterior baiano e possíveis compatibilidades com as realidades nordestina e baiana. Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais, V. 1, n. 2, 2014.

PORTER, John. Concepts of nutritional and environmental interactions determining plant productivity. Plant growth: Interactions with nutrition and environment, p. 99-124, 1991.



XV Congresso Brasileiro de História
Econômica & 16ª Conferência
Internacional de História de Empresas
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE
PESQUISADORES
EM HISTÓRIA
ECONÔMICA

POSSAS, Maria S. Concorrência e Competitividade. Notas sobre estratégia e dinâmica seletiva na economia capitalista. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999.

SAMUELSON, Paul A. The Way of an Economist, in SAMUELSON, Paul A. (org.), International Economic Relations: Proceedings of the Third Congress of the International Economic Association, Londres: Macmillan, pp. 1-11, 1969.

SERRANO, Franklin; SUMMA, Ricardo. Conflito distributivo e o fim da “breve era de ouro” da economia brasileira. Novos estudos CEBRAP, v. 37, p. 175-189, 2018.

SILVA, Mygre *et al.* Padrão de especialização do comércio internacional agrícola brasileiro: Uma análise por meio de indicadores de competitividade. Revista em Agronegócios e Meio Ambiente, V. 11, p. 385-408, 2018.

VASCONCELOS, Sibele de Oliveira; FREITAS, Clailton A. de. As exportações de carne bovina dos países do Mercosul no período de 1986 a 2004: uma análise de Constant-Market-Share. Economia e Desenvolvimento, 2005.

VOLLRATH, Thomas L. A theoretical evaluation of alternative trade intensity measures of revealed comparative advantage. Weltwirtschaftliches Archiv, v. 127, n. 2, p. 265-280, 1991.

ZUCCHI, Juliana D.; FILHO, José Vicente C. Panorama dos principais elos da cadeia agroindustrial da carne bovina brasileira. Informações Econômicas, v. 40, n. 1, p. 18-33, 2010.